

A representação da criança na obra *Dondinho dá um jeito*, de Sérgio Capparelli

Renata Cavalcanti Eichenberg

Mestranda em Letras / PUCRS

Recorrendo ao dicionário de língua portuguesa Houaiss, publicado em meados do século XXI, o significado do vocábulo criança nele presente relaciona-se àquele ser humano que ainda não é adulto, que se encontra na fase da infância, compreendida entre o nascimento e o início da puberdade. Se Antônio Houaiss tivesse vivido até o século XVII, certamente teria dificuldades em conceituar o termo, uma vez que, ainda naquela época, o pequeno não merecia sequer alma. Prevalencia anteriormente um sentimento de indiferença à infância, justamente pela alta taxa de mortalidade do período, como registra Philippe Ariès, em sua obra *História social da criança e da família*¹, “não se pensava, como normalmente acreditamos hoje, que a criança já contivesse a personalidade de um homem. Elas morriam em grande número. Essa indiferença era uma consequência direta e inevitável da demografia da época”.

Somente com a ascensão da burguesia, durante o século XVIII, que a criança passou a realmente ser valorizada. Isso por que a classe emergente que surgia necessitava angariar lucro através de mão-de-obra eficaz, investindo, assim, na educação como maneira de preparar os futuros adultos para a vida. Como resultado, as famílias começaram a se organizar em função dos filhos, e as novas escolas, como extensão daquelas, preocuparam-se, sobretudo, em orientar a formação do pequeno na sociedade. É nesse contexto pedagógico e burguês que a literatura infantil se consolida, atrelada ao compromisso de transmitir normas adultas ao menor, destinatário que a define. Como demonstra Áries, a concepção moderna de infância não constitui um conceito abstrato e universal, sendo, ao contrário, fruto de uma longa construção histórica, durante a qual passou de uma indiferenciação etária, característica da sociedade medieval, à constituição de um conjunto de saberes técnico-científicos e práticas culturais, voltados para o conhecimento e auxílio da criança, nos diversos espaços possíveis para sua alteridade e, conseqüente, socialização.

¹ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p. 22

Contudo, a representação da infância na literatura infantil torna-se significativa apenas na segunda metade do século XIX, quando, como afirma Regina Zilberman, em *A literatura infantil e o leitor*², “as histórias passam a ter os meninos como heróis: Alice, Tom Sawyer, Pinóquio são alguns deles” (1984, p.86), retratando, muitas vezes, conflitos entre pequenos e adultos. Tal fato acarretou uma aproximação entre obra e leitor, pois esse passou a se ver reproduzido ficcionalmente naquela. “A nova orientação foi bastante fértil, já que a evolução posterior da literatura infantil demonstra esta inclinação ao aproveitamento do universo da criança ou de heróis que simbolizam essa condição”. (1984, p.87)

Como vem a acontecer na obra *Dondinho dá um jeito*³, de Sérgio Capparelli, cerca de 100 anos depois. Na época em que foi escrita, 1982, no entanto, a literatura infantil, no Brasil, já havia sido despertada pela obra lobatiana (1921 a 1940), enfrentado um longo período de criações nos moldes desse autor, porém ausentes de originalidade (1940 a 1970) e, finalmente, ingressado em uma fase de renovação literária (década de 70), através, segundo Vera Teixeira de Aguiar, em *Era uma vez... na escola*,⁴

da reescritura dos contos de fadas, da criação de obras que polemizam a realidade social e o cotidiano infantil, da construção de personagens com profundidade psicológica e da apropriação dos elementos da cultura de massa, quer estruturais (histórias policiais e de ficção científica), quer formais (linguagem apelativa, recursos visuais, etc.).

Isso tudo se deu, de certa forma, graças ao caminho trilhado pela sociedade brasileira entre as décadas de 60 e 70 rumo a um modelo capitalista mais avançado, provocando maior giro de capital na indústria editorial, além de melhorias nas instituições de ensino e de divulgação e execução da política cultural do Estado. Em meados da década de 80, o cenário brasileiro caracterizava-se ainda por um regime ditatorial (iniciado com o golpe militar de 1964), no comando do general João Baptista de Figueiredo, que assumiu o poder em 1979 por escolha do então presidente general Ernesto Geisel, responsável pela gradual abertura democrática e pela revogação, antes de passar o poder, do Ato

² ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1984.

³ CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982.

⁴ AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001. p. 33-34.

Institucional nº5 (AI-5). Em novembro desse mesmo ano, Figueiredo, por meio de uma reforma partidária, extinguiu o bipartidarismo e liberou a formação de novos partidos. O pluripartidarismo, como consequência, visou ao enfraquecimento da oposição, a partir da provável divisão do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e do fortalecimento do governo, rebatizado PDS, Partido Democrata Social.

A extrema direita, inconformada com a liberação progressiva do regime, reagiu através de uma onda de atentados criminosos. O governo Figueiredo procurou contornar a situação e, em novembro de 1980, o Congresso aprovou a emenda constitucional enviada pelo presidente, que estabelecia eleições diretas para governadores de Estado em 1982. Os anos de 1981 e 1982 foram, por consequência, marcados pela articulação dos partidos e pela campanha eleitoral. Realizado o pleito, a oposição ganhou dez comandos estaduais. Apesar disso, o governo saiu fortalecido, uma vez que o PMDB, maior agremiação de esquerda, não alcançou maioria no Congresso, confirmando o oportunismo do governo quando se dividiram as oposições.

A década de 80 foi marcada, assim, pelo processo de abertura política do país, paralelamente ao aumento do acesso de crianças à escola e à evolução dos meios de comunicação, levando informação e cultura a um público significativo. Como resultado, cresceu o número de publicações literárias infantis, em especial, de acordo com Aguiar⁵, contos de fadas modernos e histórias que tematizam sobre o cotidiano infantil e sobre denúncias sociais, porém nem todas comprometidas com a qualidade literária. “Dependente das oscilações de moda e gosto, a literatura infantil, como bem de consumo, viu-se presa à constante apresentação de novidades, o que, muitas vezes, enfraqueceu sua qualidade.” (2001, p.31) Entretanto, em meio a livros com fins puramente comerciais, era possível encontrar obras infantis realmente literárias, próprias de autores engajados em produzir textos plurissignificativos e emancipatórios, nos quais a criança também possui voz ativa, interagindo e dialogando com o texto, como foi o caso de Sérgio Capparelli, no conjunto de sua obra.

Natural de Uberlândia (MG), Capparelli reside em Porto Alegre desde 1968. Jornalista, professor universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

⁵ AGUIAR, Vera Teixeira de (coord.). *Era uma vez...na escola: formando educadores para formar leitores*. Beolo Horizonte: Formato, 2001.

ficcionista e poeta, estreou na literatura infanto-juvenil em 1979, com o romance *Os meninos da Rua da Praia*. Seguiram-se cerca de trinta livros lançados para o leitor mirim e, muitos deles, já merecedores de prêmios de grande relevância, como Prêmio Jabuti de Literatura Infantil, Selo de Ouro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, Prêmio Açorianos categoria Infanto-juvenil, entre outros.

Na obra *Dondinho dá um jeito*, aqui analisada, o escritor, mergulhando no cotidiano infantil, através de um narrador onisciente, dá voz e vida a um menino de sete anos, atendido pelo nome de Dondinho. Vivendo com a família, seus pais e seu irmão mais velho Paulo, em uma cidade interiorana, ele, de repente, como todo o ser humano, adulto ou criança, se vê com problemas. Daí, ou seja, da essência narrativa, o autor já confere qualidade literária ao texto, uma vez que os problemas enfrentados por Dondinho são próprios de sua condição infantil, respeitando sua natureza e seu estágio de desenvolvimento cognitivo e emocional, como antecipa o narrador antes do início propriamente dito da trama:

O mês de setembro chegou de repente, encontrando Dondinho com três graves problemas. O primeiro era achar Aninha, a namorada do Jerônimo, o Herói do Sertão. Devia estar enrolada numa bala de caramelo que o português da esquina vendia cantando ‘vem cá ver as lavadeiras, graciosas de Portugal’. Se pusesse as mãos nelas, facilitaria muito, pois o álbum ficaria completo.

A segunda preocupação era o Lobo Mau. Dona Oráida, do Grupo Escolar Dr. Duarte Pimentel de Ulhoa, havia elogiado publicamente sua habilidade de declamador, mas no fim veio a bomba: ele tinha sido escolhido para interpretar o Lobo Mau da peça *O Chapeuzinho vermelho*, com estréia marcada para o dia da árvore.

O terceiro problema veio mais tarde e, então, os outros dois ficaram graves. E Dondinho não sabia como encontrar uma solução. Até que... Quem sabe a gente começa do começo?⁶

Estabelecendo uma relação de proximidade com o leitor, o narrador assume, desde então, uma linguagem coloquial, própria da oralidade, e, conseqüentemente, do pensamento infantil, atraído ainda muito mais pela fala do que pelo discurso escrito. E vale-se, desse modo, de uma narrativa realista, enfatizando a angústia do protagonista, bem como sua aventura rumo a soluções para seus problemas, simétricas às vivências de sua personagem principal, a criança, e, portanto, de seu leitor. Isso se torna possível não apenas pela

⁶ CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982 p. 7

temática escolhida, mas, sobretudo, através da linguagem atribuída ao narrador pelo autor, que acrescenta ao discurso coloquial metáforas inerentes aos processos cognitivos infantis, demonstrativas das idéias, intenções, apreensões e experiências de Dondinho.

Tal condição garante a valorização do texto, coincidindo com aspirações criativas e emancipatórias, próprias do contexto de produção da obra, quando da abertura política do país. E, assim, nas palavras de Nelly Novaes Coelho, em *Literatura infantil*⁷, confere à narrativa um deslocamento nas representações construídas sobre a criança, no sentido de apontar progressivamente a positividade de sua natureza em oposição a uma exposição anterior, que toma a infância como período de vida caracterizado pela incompletude e deformação em relação ao adulto:

O que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é a sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a devolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso⁸.

Além disso, o narrador mostra-se, constantemente, atento ao seu destinatário, acrescentando ao seu relato comentários que mantém vivo o diálogo entre eles. Esse fato expõe não só o desejo de comunicação, mas também a consciência de que é do leitor que depende o alcance da mensagem e a sua esperada transformação, como ocorre no exemplo abaixo, quando o narrador enriquece a história com uma descrição, digna do pensamento infantil, da dor de dente que Dondinho sente, razão de seu terceiro e maior problema:

Quem, algum dia, teve um dente inflamado sabe o quanto a dor é atrevida. Ela não monta na inflamação, senta a espora, crava os dentes, arranha, unha, como outras dores. Longe disso. Ela se aninha dentro da carne e fica batendo tambor: bum, bum, bum⁹.

Dondinho é, desse modo, igualado ao seu suposto leitor, evidenciando um processo de construção de personagem simétrico à natureza do pequeno. Tal procedimento não apenas aproxima obra e destinatário como permite que esse busque naquela caminhos próprios para solução de seus problemas, como faz Dondinho, apropriando-se das leituras

⁷ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

⁸ Id.; Ibid. p. 151.

⁹ CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982 p. 28.

como forma de compreensão de si e do mundo que o cerca. Já afirmava Cecília Meireles, em sua obra *Problemas da literatura infantil*¹⁰: “diante de cada história o leitor veste a pele do herói e vive sua vida, arrebatado de sensação em sensação à surpresa do desenlace”. É o protagonista que atrai a atenção do leitor, preso às suas ações e performances, uma vez que a personagem, como conceitua Coelho¹¹, é a transfiguração de uma realidade humana transposta para a realidade estética da literatura. Sem ares de superioridade, o herói construído por Capparelli não está livre de medos e falhas, assemelhando-se à condição do ser humano. Revela-se, dessa maneira, a interiorização das questões e tensões vividas pela personagem infantil, por meio de complexidades, impulsos, ações e ambigüidades peculiares ao mundo interior do destinatário e por ele descobertos, apreendidos e identificados durante o ato de leitura.

Dondinho é apresentado, no início da trama, através dos dois problemas que tem para resolver. O primeiro relaciona-se com uma conquista material, a única figurinha faltante para completar o seu álbum. A fixação em concretizar tal objetivo é tamanha que todo o seu dinheiro é destinado à compra de figurinhas no armazém do português na busca incessante por Aninha. Essa, namorada de Jerônimo, herói do sertão, nada mais é do que a ilustração presente na figurinha não encontrada. Acompanhando o pensamento concreto e animista digno da criança na faixa etária do protagonista, o narrador demonstra o processo de personificação que o menino confere à figurinha, dando-lhe vida própria à medida que realidade e fantasia se misturam. Isso motiva ainda mais a sua procura:

Aninha era morena, bonita, parecia com a voz daquela Aninha de todas as tardes na Rádio Educadora, às seis em ponto, na novela *Jerônimo, o Herói do Sertão* (...) Se antes se esforçara tanto para agarrar Corisco, agora se aborrecia de ver o cangaceiro dependurado em tudo o que era balinha, sem mesmo escolher o sabor: framboesa, menta, morango, azedinha. Corisco tinha perdido a vergonha, escarrapachava-se em qualquer docinho do portuga. Quanto à danada da Aninha, nem sombra¹².

Nesse sentido, é conferida ao leitor a oportunidade de esboçar uma imagem dos dilemas vividos pelo herói. Como afirma Zilberman¹³, o narrador mantém sua autonomia

¹⁰ MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 129.

¹¹ COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

¹² CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982 p. 10.

¹³ ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1984.

em relação à personagem e ainda constrói, para além dela, um leitor a quem determina igualmente um papel ativo. Através dos pontos em comum que estabelece com o protagonista, como a faixa etária, a maneira de pensar e os tipos de problema que enfrenta, o leitor reconstrói a aventura de Dondinho, reorganiza suas ações em busca de soluções e, de certa forma, antecipa seus sucessos. Afinal, tanto a primeira como a segunda dificuldade do herói mirim, quando necessita se apresentar como Lobo Mau na peça escolar *Chapeuzinho Vermelho*, não são, na prática, resolvidas, pois ao narrador cabe apenas evidenciar as saídas planejadas pelo protagonista.

Esse segundo problema, porém, associa-se a uma conquista de ordem essencialmente interna, pois só Dondinho pode superar seu próprio medo, encarando o papel que lhe foi atribuído sem erro e com segurança. Novamente é nítida a simetria entre narrador e leitor, uma vez que é inerente à natureza infantil a dificuldade de auto-afirmação perante o grupo. Soma-se ainda outras duas identificações: o obstáculo do irmão mais velho, gozador da situação por que passa o mais novo ao ensaiar as falas de um lobo mau; e a paixão escondida e idealizada por uma colega, Rosa Elvira, fator determinante de sua não desistência do papel e de sua certificação de crescimento e amadurecimento, como desvenda o narrador onisciente ao penetrar na mente do herói infantil:

Com Bia tinha sido diferente. Lembrava-se bem. Estava em casa, deitado no sofá, admirando os pontinhos negros que as moscas deixavam no teto (...) Então uma mosca subiu nas costas de outra e as duas começaram a bater as asinhas para não caírem. Zumbiam. Mas o zumbido foi abafado por vezes se aproximando. Era o irmão Paulo e Bia, a filha da dona Edna.

- Vai, Paulo, pergunta se ele quer me namorar.

Deu um pulo no sofá. *Ele* era ele, Dondinho. Ao correr, atordoado ainda os ouvia passos de Paulo aproximando-se da porta. Onde se esconder? Para onde ir? Não queria ouvir a pergunta porque assim teria de dar uma resposta. E a resposta estava presa no seu coração. Escondeu-se embaixo da cama. (...) Muito tempo tinha se passado. Agora estava mais velho, quase sete anos, e Rosinha desabrochava nesse início de primavera ¹⁴.

Todavia, é no combate ao terceiro e último problema que a representação da criança ganha maior caráter emancipatório, uma vez que, impedido de solucionar a dor de dente mediante a intervenção do adulto – os medicamentos dados pela mãe não são suficientes para sanar a dor, o dentista está viajando e a assistência odontológica encontra-se sem

¹⁴ CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982 p. 22-24

horário livre – trata de dar um jeito por si mesmo, através de plano (racionalidade) e coragem (emoção) essencialmente infantis, baseados, inclusive, em atitudes semelhantes realizadas também por menores, como aponta o narrador:

Dondinho pensou em Paulo, quando nasceu uma verruga no seu dedão. Ele tinha posto um grão de milho sobre a verruga e esticou a perna, perto das galinhas, para que bicassem o grão, levando a verruga de lambujem. Também pensou em Lilico, filho de seu Anjo. Uma vez desaparecera durante muitos dias. ‘Cadê o Lilico?’, todo mundo se perguntava. Quando voltou, estava banguela. Os meninos riram com gosto, ao ver a porteira aberta na dentadura. Mas cada um foi se calando, quando ele explicou como se livrara do dente podre. Dondinho sobressaltou-se. Como não tinha pensado nisso antes ¹⁵.

E, assim, com a linha de bordar mais resistente da caixa de costura de sua mãe, Dondinho amarra uma ponta no dente inflamado, calcula a distância exata entre sua boca, quando deitado na cama, e a maçaneta da porta do quarto, atando nesta a outra extremidade da linha. Quando alguém abrisse a porta, seu dente seria violentamente arrancado de sua boca, levando, como ele presumia, a terrível dor embora. É nítida a determinação do menino em vencer a dor e, paradoxalmente, o medo da ação planejada, buscando certo equilíbrio entre sentimento e intelecto na vivência ficcional que experimenta ao incorporar o lobo mau, sinônimo não só de maldade, mas de coragem, garra, poder:

Na frente do espelho, abriu a boca. O laço fechou-se em volta do dente inchado. Descobriu que seus olhos estavam úmidos. Apertou o laço e, no espelho, viu um Lobo Mau decidido, com uma linha vermelha pendendo do canto esquerdo da boca ¹⁶.

Após o “grito horrível” que abate na casa no momento em que o irmão Paulo abre a porta do quarto, “a expressão do Lobo Mau descontraíu-se lentamente”¹⁷. A criança, como está retratada em Dondinho, é um ser pleno de curiosidade e possui muitos impulsos que a levam à conquista do novo. Daí sua coragem e superação, que vêm a ganhar força através da confiança que atribui à magia. Estando o dente arrancado, sem dizer nada, Dondinho agarra-o e corre para o quintal, seguido por sua mãe e irmão, também mudos, como num gesto de respeito e consideração ao menino e a sua surpreendente e heróica atitude. “Ele

¹⁵ CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982 p. 34.

¹⁶ Id.; Ibid. p. 36.

¹⁷ Id.; Ibid. p. 38.

então jogou o dente em cima da casa, mandando embora a dor e invocando ‘mourim, mourão, toma esse dente pobre, me dá um são’”¹⁸.

É, desse modo, através da utilização das palavras mágicas, que Dondinho se convence da dissolução do seu maior problema. Como afirmam Regina Zilberman e Marisa Lajolo, em *Literatura infantil brasileira*¹⁹, “na tradição das fórmulas de encantamento e desencantamento, a frase que opera o milagre é ritmada e rimada”. Trata-se, ainda, de um provérbio, cuja origem popular reforça seu caráter místico. É a fantasia, acrescida das interpretações e da participação do leitor, que recebe um novo estímulo, não apenas para o desfecho da história, quando o narrador escreve “no mesmo instante, tinha resolvido o problema principal. Os outros dois? Quase, quase”²⁰, mas, em especial, para o confronto pessoal do leitor com a sua própria realidade. Tal solução de Dondinho, auxiliada pelo elemento mágico, atende a uma aspiração profunda e animista da alma humana infantil.

E se Dondinho une razão, emoção e fantasia para vencer seu maior problema, há ainda, como percebe o leitor, motivos além da forte dor de dente para superá-lo: o risco de ver por água abaixo os “jeitos” por si só encontrados para superar os seus outros dois problemas que, nessa hora, tinham virado somente preocupações. “Os dois primeiros problemas, portanto, Dondinho tirava de calcanhar. A não ser que surgisse alguma coisa inesperada, grave, dessas cabeludas, que o pegasse desprevenido e pusesse tudo a perder”²¹, como a dor de dente nas mãos de adultos.

Doente, de dente latejando e rosto inchado, Dondinho não teria condições de estar, no fim de semana, na Vila Taborda, local onde, no domingo anterior, selou acordo com Cabelo de Fogo, um menino até então antipático, branquela e metido, para o recebimento de Aninha mediante a entrega de um Corisco. De cama, também não poderia se apresentar como Lobo Mau na peça da escola, no Dia da Árvore, perdendo a chance de exercitar suas falas já bem decoradas e, principalmente, de passear com Rosa Elvira, a Chapeuzinho, sobre o viaduto da estação, após o truque de fingir morar perto dela para, naturalmente,

¹⁸ CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982 p. 38.

¹⁹ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 2003.

²⁰ CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982 p. 38.

²¹ Id.; Ibid. p. 27.

levá-la em casa. Assim, pensava Dondinho, “preciso dar um jeito, senão está tudo perdido. Doía muito. E se continuasse a doer, Aninha e o Lobo Mau iam para o bebeléu”²².

Dessa maneira, Dondinho, superando a dor de dente, amparado por sua coragem e superstição, adquire autonomia, autoconfiança, estando pronto para solucionar suas duas outras preocupações. Sua história, nessa perspectiva, se encaixa na definição que Bruno Bettelheim atribui ao gênero literário infantil, em *A psicanálise dos contos de fadas*²³, definindo como aquele que, enquanto diverte a criança, oferece esclarecimentos sobre ela mesma, favorecendo o desenvolvimento da sua personalidade. Os contos de fadas, objetos de pesquisa de Bettelheim, da mesma forma que a obra de Capparelli, garantem não só a existência de problemas, mas de meios para eles serem resolvidos. Permanece em *Dondinho dá um jeito*, as respostas às questões vividas e às dúvidas típicas da faixa etária, atendendo às características do pensamento mágico infantil.

De acordo com Vera Teixeira de Aguiar, a criança é uma grande fabuladora de mitos e isso esclarece por que a sua mente e a seu modo de perceber intuitivamente o mundo combinam tão bem com a literatura. O pensamento concreto e animista do leitor mirim permite que o escritor crie analogias em suas histórias, partindo da superposição de imagens e idéias, com relações de causa e efeito bem simplificadas. Considerando que a criança evolui tais relações em sua mente, uma das maiores riquezas das narrativas infantis é a de ajudá-la a ordenar seus sentimentos e a compreender o mundo a partir de uma linguagem que seja compatível com a sua lógica. Daí a visão abrangente de Sérgio Capparelli quanto ao desenvolvimento infantil, adequando o texto ao destinatário de forma a atraí-lo para a leitura. Nas palavras de Aguiar²⁴:

O interesse que a criança pode manifestar pelo ato de ler está, sem dúvida alguma, relacionado ao fato de que a literatura deve estar “de acordo” com sua fase de desenvolvimento. Importam, por isso, o constante uso de uma linguagem simbólica como manifestação do mundo afetivo da criança e do próprio imaginário da literatura.

²² CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982 p. 33.

²³ BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

²⁴ AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001 p. 58.

Como resultado da construção literária concebida por Capparelli na obra em questão, verifica-se a importância do narrador enquanto ente ficcional revelador da aventura do herói. Sua linguagem é própria de quem fala, um menino, Dondinho, conferindo-lhe autonomia através dos diálogos presentes na história, quando se manifesta diretamente ao leitor. Acrescenta-se a isso, lacunas simétricas à capacidade simbólica da criança, além de comentários, numa espécie de diálogo, como quando fragmenta a sequência narrativa ao antecipar o conflito da trama, garantido-lhe uma leitura não apenas compreensiva, mas interpretativa e, finalmente, participativa e libertária.

Assim, no que tange à representação da criança na obra *Dondinho dá um jeito*, de Sérgio Capparelli, predomina a construção de um modelo emancipatório e peculiar ao comportamento infantil, que permite a identificação, a apreensão e a atualização do tema por parte do leitor mirim. Isso esclarece o presente exame como uma busca, no interior do texto, não de um retrato da infância da época, mas de uma concepção do autor adulto sobre a criança, manifesta em sua obra. Por meio de imagens e ações, Capparelli descreve estados internos da mente infantil, reproduzindo o pequeno a partir de suas particularidades, distinto em absoluto do adulto, de quem se encontra libertado. O pensamento e as ações do herói demonstram, em especial, tal diferenciação, uma vez que são próprios da natureza infantil, sem interferência do adulto, nos quais realidade e fantasia, razão e emoção se misturam harmonicamente, amparados pela linguagem, também simétrica, que os expressa.

O reconhecimento da distinção da infância concebido por Capparelli, e por ele transmitido em sua obra, simboliza, nesse sentido, a edificação de uma importante sensibilidade com relação à criança. Tal sensibilidade, de certa forma, tem como perspectiva uma atitude compreensiva, em que o autor adulto pretende entender a lógica do pensamento e da ação infantil, respeitando e retratando-a fielmente no texto literário, de modo a igualá-lo ao seu destinatário, por quem é definido. Afinal, como afirma Zilberman²⁵:

A literatura infantil possui um tipo de leitor que carece de uma perspectiva histórica e temporal que lhe permita pôr em questão o universo representado. Por isso, ela é necessariamente formadora, mas não educativa no sentido escolar do termo; e cabe-lhe uma formação especial que, antes de tudo, interrogue a circunstância social de onde provém o destinatário e seu lugar dentro dela. Nesta

²⁵ ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1984 p. 134.

medida, o gênero pode exercer o propósito de ruptura e renovação congênito à arte literária, evitando que a operação de leitura transforme seu beneficiário num observador passivo dos produtos triviais da indústria cultural”. (1984, p.134)

Em meio a produções em série, repetitivas ou regidas por fins normativos, alguns autores, como Sérgio Capparelli, conseguiram, em meados dos anos 80, fazer literatura infantil merecedora de valor e reconhecimento artísticos. Através do exercício simbólico, lúdico e criativo, surgiram obras como *Dondinho dá um jeito*, configuradas mediante a formulação de uma outra realidade, própria da criança, que, embora teve como referente constante o real no qual o autor adulto se inseria, evidenciou-se sob a ótica do leitor mirim. Entre a emissão adulta e a recepção infantil, o autor estabelece uma simetria não só quanto ao conteúdo, mas também quanto à linguagem, resultando em uma identificação atraente e libertária do destinatário com relação ao herói da trama, ambos menores. Por isso, como defende Zilberman (1984), autonomia e atualização são propósitos geminados, quando se referem à literatura para crianças, e sua urgência na realização deles, como demonstra a obra de Sérgio Capparelli, decorre, em especial, da necessidade de contrariar um destino social e histórico, oferecendo ao leitor um verdadeiro objeto artístico, digno de valoração e questionamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CAPPARELLI, Sérgio. *Dondinho dá um jeito*. Porto Alegre: LP&M, 1982.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 2003.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1984.